



**observatório  
universitário**

**Documento de Trabalho n° 107**

**Análise crítica do Índice Geral de Cursos (IGC): uma aplicação ao  
caso da Universidade Cândido Mendes**

*Jonathan Felix\**

[jfelix@candidomendes.edu.br](mailto:jfelix@candidomendes.edu.br)

*Julia Vogel de Albrecht\*\**

[Julia.vogel.albrech@databrasil.org.br](mailto:Julia.vogel.albrech@databrasil.org.br)

**Fevereiro de 2013**

---

\* Graduado em Ciências Sociais e Mestre em Administração Pública pela Fundação Getúlio Vargas, FGV/RJ

\*\* Graduada em Ciências Sociais pela FGV-RJ. Mestranda em Políticas Públicas Inovação e Estratégias do Instituto de Economia - UFRJ

*O Observatório Universitário alia, de forma sistemática, pesquisas acadêmicas, multidisciplinares, com a execução de iniciativas voltadas à solução de problemas práticos inerentes às atividades da educação superior e sua relação com a regulação governamental. A série Documentos de Trabalho tem por objetivo divulgar pesquisas em andamento e colher sugestões e críticas para aperfeiçoamento e desdobramentos futuros.*

## **Observatório Universitário**

### **Autoria**

*Jonathan Felix*

*Julia Vogel Albrecht*

### **Coordenação do Observatório Universitário**

*Edson Nunes*

### **Equipe**

*Ana Flávia Melo Barbosa*

*Claudia Regina da Silva Moura*

*David Morais*

*Ivanildo Ramos Fernandes*

*Jonathan Felix Ribeiro Lopes*

*Julia Vogel Albrecht*

*Luciana Gomes da Silva*

*Márcia Marques de Carvalho*

*Patrícia Dias*

*Pedro Paulo Nascimento Silva*

*Regina de Fátima Pereira da Silva*

*Robson Rocha de Azevedo*

**Rua da Assembléia, 10/4208 – Centro**

**20011-901 – Rio de Janeiro – RJ**

**Tel./Fax.: (21) 3221-9550**

<http://www.observatoriouniversitario.org.br>

## Sumário

<b>Introdução.....</b>	<b>3</b>
<b>O cálculo do IGC.....</b>	<b>3</b>
<b>O que nos diz o IGC?.....</b>	<b>9</b>
<b>Importância dos conceitos G, M e D na determinação do IGC (2009, 2010, 2011) .....</b>	<b>11</b>
<b>O caso da Universidade Candido Mendes.....</b>	<b>16</b>

### Introdução

O índice geral de cursos (IGC) é um índice elaborado pelo MEC com o objetivo de medir o desempenho das instituições de ensino superior (IES) brasileiras. Busca-se avaliar a qualidade de ensino considerando todos os cursos de graduação, mestrado e doutorado das IES.

Ainda que este seja seu objetivo principal, o índice apresenta diversas contradições em sua composição como: atribuir maior peso aos indicadores de graduação, privilegiando cursos e não instituições, subvalorizar a pós-graduação e comparar instituições completamente diversas a partir de um mesmo índice. Em adição, utiliza-se a divulgação dos números para ranquear as Universidades, Faculdades e Centros-Universitários, como se estes caracterizassem um mesmo modelo institucional.

O texto a seguir pretende analisar o IGC de forma crítica. Demonstrando sua composição e contradições. Inicialmente demonstramos como é feito o cálculo matemático do índice, posteriormente analisamos o conteúdo e os efeitos do indicador: o que o IGC realmente nos diz?

Por fim, e a título de estudo de caso, apresentamos os dados obtidos pela Universidade Candido Mendes, UCAM, do Rio de Janeiro, neste ano, bem como uma série histórica.

### O cálculo do IGC

O cálculo do IGC alia dados da graduação e pós-graduação *stricto sensu*, para avaliar e comparar o desempenho das Instituições de Ensino Superior. Os conceitos são calculados a partir de uma média ponderada que considera o CPC, para a graduação, e

as notas da Capes, para pós-graduação, além do número de alunos equivalentes, isto é, em relação aos alunos de graduação

Para o cálculo das notas de graduação, o IGC apresenta forte correlação com a média do Conceito Preliminar de Cursos (CPC). O CPC é um índice que considera o desempenho do alunado, por curso, a partir das notas do ENADE, isto é: o desempenho dos concluintes dos cursos de graduação, ao longo dos triênios de avaliação, somado ao Indicador de diferença de desempenho (IDD)<sup>1</sup>.

Adicionado ao desempenho dos estudantes no ENADE, o CPC considera algumas variáveis do Censo da Educação Superior, tais quais: qualificação do corpo docente e dedicação exclusiva e do questionário socioeconômico do ENADE respondido pelos alunos: qualidade das instalações, programas pedagógicos e recursos didáticos. Cada um dos indicadores possui peso diferencial, sendo o ENADE e o IDD os mais significativos, pois têm peso maior no cálculo do CPC os indicadores de desempenho dos alunos. Em resumo, a nota da graduação utilizada para o cálculo do IGC institucional é uma média ponderada de todos os CPCs da instituição.

Para os níveis de pós-graduação *stricto sensu* é considerada a nota de avaliação trienal da CAPES. A fórmula para o cálculo do IGC pondera as médias dos conceitos CPC da graduação, considerando-se a quantidade de alunos matriculados e formados – para o caso de 2011 – e o peso da graduação com relação à Instituição de Ensino, dado pela letra grega alfa. Da mesma forma é calculado para o mestrado e doutorado, considerando-se a quantidade de alunos matriculados mais titulados. Daí resulta a seguinte equação:

$$IGC_{ies} = \alpha G_{ies} + \frac{(1-\alpha)\beta}{2} (M_{ies} + 5) + \frac{(1-\alpha)(1-\beta)}{3} (D_{ies} + 10) \quad (22)$$

Sendo:

$$\alpha = \frac{T_G}{T_G + T_{ME} + T_{DE}} \quad e \quad \beta = \frac{T_{ME}}{T_{ME} + T_{DE}} \quad (23)$$

---

<sup>1</sup> Medida da diferença entre o desempenho **observado** dos concluintes de um curso e o **esperado** para este curso.

Traduzindo a equação temos:

**Alfa** = percentual de alunos de graduação no total da instituição em equivalente de graduandos, isto é: o alfa corresponde ao número de alunos matriculados na graduação sobre o total de alunos da IES como um todo. É importante ressaltar que o cálculo do total de alunos da IES é feito levando em consideração um peso, uma equivalência. Isto é: uma IES que tenha cursos de mestrado e doutorado reconhecidos pela CAPES com nota 4 poderá multiplicar seus alunos de mestrado e doutorado por 2. Os cursos de mestrado e doutorado com nota 5, ou maior, poderão multiplicar por 3.

A título de exemplo, se uma Instituição apresenta 500 alunos de graduação, 50 alunos de mestrado com nota 4 e 10 alunos de doutorado com nota 4 o cálculo do alfa será feito da seguinte forma:

Total de alunos da IES:  $500 + 50 \times 2 + 10 \times 2 = 620$  alunos no total

Cálculo do ALFA:  $500$  (matrículas na graduação) /  $620$  (total de matrículas da IES com equivalência).

Alunos em cursos de mestrado e doutorado com nota 3 apresentam o mesmo peso de alunos da graduação. No nosso exemplo se a IES apresentasse os cursos com nota 3 teríamos o seguinte cálculo:

Total de alunos da IES:  $500 + 50 \times 1 + 10 \times 1 = 560$  alunos no total

Cálculo do ALFA:  $500$  (matrículas na graduação) /  $560$  (total de matrículas da IES com equivalência)

**Beta** = percentual de alunos de mestrado da instituição em equivalente de graduandos. Isto é: o numero de matriculados de mestrado dividido por o total de estudantes da IES. No nosso exemplo hipotético, com cursos com conceito 4, teríamos o seguinte Beta:

Beta =  $50 \times 2$  (total de matrículas no mestrado com ponderação)/620 (total de matrículas da IES)

Resumindo temos a seguinte equivalência para os cálculos de alfa e beta:

Um aluno de pós-graduação com nota 3 da CAPES equivale a 1 aluno de graduação

Um aluno de pós-graduação com nota 4 da CAPES equivale a 2 alunos de graduação

Um aluno de pós-graduação com nota 5 da CAPES equivale a 3 alunos de graduação

Na fórmula as letras “G”, “M” e “D” correspondem ao conceito médio de graduação (G), mestrado (M) e doutorado (D), ou seja, a média ponderada dos conceitos de cada curso, considerando-se o número de alunos matriculados no curso em relação (dividido) pelo número total de alunos do segmento. É relevante ressaltar que para o cálculo das notas “M” e “D” o IGC utiliza apenas a escala de 1 a 5, ainda que a CAPES atribua notas 6 e 7 aos programas. Isto é: o MEC considera que todos os programas com nota 5, 6, ou 7 apresentam o mesmo peso para o cálculo do IGC. Para melhor compreensão, veja o exemplo hipotético abaixo:

Uma instituição de ensino com os seguintes cursos de graduação: administração, economia, direito, computação. Mestrado: Administração, economia, direito. Doutorado: economia, direito. O número de matrículas, pode ser observado na tabela:

Ciclo	Cursos	Matrículas	Conceito
Graduação	Administração	60	3
	Economia	100	4

	Direito	80	5
	Computação	30	2
Mestrado	Administração	10	4
	Economia	15	3
	Direito	10	3
Doutorado	Economia	5	3
	Direito	10	3

A partir dos dados podemos calcular da seguinte forma os conceitos médios ou médias ponderadas:

Ponderação (matrícula x conceito)	Total de matrículas por ciclo	Conceito médio (soma da ponderação/total de alunos)
180	270	3,85
400		
400		
60		
80	45	3,44
45		
30		
15		
30	15	3

Assim temos os conceitos médios:

G=3,85, M=3,44, D=3

Voltando ao cálculo do IGC, BITEENCOURT, CASARTELLI e RODRIGUES (2009)<sup>2</sup>, simplificam o cálculo para a seguinte equação:

$$\text{IGC} = \{ [P_{\text{Grad}} \times G] + [P_{\text{Mest}} \times (M+5)/2 ] + [P_{\text{Dout}} \times (D+10)/3 ] \} \times 100$$

Nesse caso temos:

$P_{\text{grad}}$  = Alunos de graduação/total de alunos da IES,  $P_{\text{mest}}$  = Alunos de mestrado/total de alunos da IES,  $P_{\text{dout}}$ =alunos de doutorada/total de alunos da IES. É importante lembra que existem pesos diferentes, tal qual mencionado anteriormente em “alfa” e “beta”

Calculado dessa forma chegamos à:

Graduação: 81,8%

Mestrado: 13,6%

Doutorado: 4,5%

Percentual	de
alunos	
0,818	
0,136	

---

<sup>2</sup> BITTENCOURT, Hélio Radke. CASARTELLI, Alam de Oliveira. RODRIGUES, Alziro César de Moraes. Sobre o Índice Geral de cursos (IGC). Avaliação, Campinas; Sorocaba, v. 14, n. 3, p. 667-682, Nov. 2009

0,045
-------

Tendo agora todas as variáveis podemos substituir na fórmula do IGC e obter o Índice.  
Para o exemplo teremos:

$$\text{IGC} = \{ [P_{\text{Grad}} \times G] + [P_{\text{Mest}} \times (M+5)/2 ] + [P_{\text{Dout}} \times (D+10)/3 ] \} \times 100$$

$$\text{IGC} = \{ [81,8 \times 3,85] + [13,6 \times (3,44+5)/2] + [4,5 \times (3+10)/3] \}$$

$$\text{IGC} = 3,152$$

### **O que nos diz o IGC?**

O Índice Geral de Cursos IGC busca, portanto, avaliar a qualidade da educação. Trata-se de um índice que varia de 1 a 5, sendo 1 a menor nota e 5 a maior . O cálculo considera os três ciclos do ensino superior, isto é, graduação, mestrado e doutorado *stricto sensu*. No entanto, tem gerado polêmica com relação à sua capacidade avaliativa, principalmente pelo peso da graduação na nota, em função de se ter, na maior parte das IES a maior quantidade de alunos nesse seguimento, que conduz a subvalorização das pós-graduações, ainda que feita a equivalência.

O índice tem ganhado destaque ainda, pois se tornou um dos condicionantes para credenciamento e credenciamento das universidades. Segundo texto da Resolução CNE/CES nº 3 de 14 de outubro de 2010 (art. 8º), do Conselho Nacional de Educação, é considerado insatisfatório o desempenho de instituições que tenham obtido conceito menor que 3 (três), isto é, que tenha ficado nas faixas 1 e 2 do IGC.

Caso uma Instituição de Ensino Superior (IES), tenha obtido conceitos 1 e 2, no ano anterior ao processo, ao solicitar o credenciamento para o MEC, a IES pode obter dois pareceres: (1) um intermediário que corresponde a interrupção temporária do processo de cadastramento e conduz a celebração de um *protocolo de compromisso*

que tem a intenção de sanar as deficiências apontadas nos relatórios de avaliação e demais elementos do processo, ou seja, a universidade deve se comprometer, no prazo de 1 ano, a resolver os quesitos mínimos de funcionamento avaliados pelo MEC. No limite, (2) o parecer pode indeferir o pedido de credenciamento da universidade, limitando sua atuação ou rebaixando seu *status*, colocando-a em outra categoria de Instituição de Ensino Superior que o MEC julgue mais adequada à instituição. É relevante atentarmos que o uso do IGC para fins de credenciamento é recente, realizado a partir de 2010.

Esse modelo de regulação fortalece o papel do IGC, já que esse se torna um dos condicionantes para o processo. Nesse sentido, são pertinentes algumas críticas à sua utilização. Uma das que mais se destaca são as alterações nos pesos atribuídos aos critérios tanto do IGC quanto do CPC. No cálculo do CPC, o peso da nota do ENADE foi reduzido e as notas dos alunos ingressantes excluídas. O ENEM vem sendo utilizado como nota de entrada. O novo cálculo do CPC também reduz o peso dos professores doutores: de 20% para 15%.

A crítica que se faz é que, embora a equação tenha se mantido, assim como a nota de corte – na faixa abaixo de 3 – não é possível estabelecer uma série histórica do conceito, pois em verdade não se calcula o mesmo índice para os diferentes anos, além disso, gera incerteza com relação ao processo avaliativo já que na prática a estabilidade do índice é forjada pelo cálculo matemático uma vez que os pesos atribuídos aos critérios variam. Torna-se um processo de avaliação estático do qual os atores envolvidos pouco interferem nos critérios e no uso que o MEC faz deles. Fato é que a despeito da incerteza para os próximos anos o Índice Geral de Cursos gera efeitos diretos sobre as instituições de ensino superior.

Outra crítica diz respeito à nota do ENADE, ainda de grande peso, já que consiste em uma avaliação compulsória do alunado como forma de avaliação do desempenho dos graduandos, desconsiderando o processo educativo da universidade, isto é, a autonomia na escolha dos conteúdos ao longo do curso, evidentemente, respeitando as normas estabelecidas para cada curso.

Em adição o IGC vem sendo utilizado como índice de ranqueamento das IES. Comparam-se a partir do índice instituições díspares: como Universidades com 50 cursos de graduação e faculdades especializadas com apenas 5 cursos de graduação. Tal ranqueamento que acaba por sintetizar diferenças tem sido amplamente difundido pela

mídia para criticar o ensino superior no Brasil. No entanto, desconsidera o tipo de instituição de ensino superior e desconsidera a própria complexidade da educação superior no Brasil, reduzindo qualidade a critérios que nem mesmo o MEC sabe como trabalhar, pois alterou o peso dos critérios, evidenciando *expertise* quantitativa/estatística, mas incoerência conceitual.

É preciso antes de elaborar um instrumento quantitativo que se discuta de maneira séria quais os critérios disponíveis e capazes de avaliar a educação superior, possibilitando às instituições conhecer o que se espera como aspectos de qualidade. Poder-se-ia argumentar que se trata de um Índice em construção, mas seu uso enquanto instrumento regulatório já está definido.

### Importância dos conceitos G, M e D na determinação do IGC (2009, 2010, 2011)

Para calcular o quanto uma variável atua sobre outra podemos utilizar o índice de correlação de Pearson ( $p$ ). Trata-se de um indicador de força na relação linear entre duas variáveis. Para o IGC as variáveis mais significativas no cálculo são os chamados

#### Correlação - IGC 2009

	IGC - Contínuo	G - Conceito médio da Graduação	M - Conceito médio do Mestrado	D - Conceito médio do Doutorado
IGC - Contínuo Pearson Correlation	1	,966	,595	,389
Sig. (2-tailed)		,000	,000	,000

“conceitos” de graduação (G), mestrado (M) e doutorado (D). A partir disso, podemos analisar separadamente a relação de cada variável com a nota do IGC. Sabendo que  $p$  varia de  $-1$  a  $+1$ , sendo considerados fracos os valores próximos à 0. Com isso, observemos as tabelas que correlacionam G, M e D ao IGC, para os anos 2009, 2010,

#### Correlação - IGC 2010

	IGC - Contínuo	G - Conceito médio da Graduação	M - Conceito médio do Mestrado	D - Conceito médio do Doutorado
--	----------------	---------------------------------	--------------------------------	---------------------------------

IGC - Contínuo	Pearson Correlation	1	,967	,421	,561
	Sig. (2-tailed)		,000	,000	,000

2011.

#### Correlação - IGC 2011

		IGC contínuo	G - Conceito médio da Graduação	M - Conceito médio do Mestrado	D - Conceito médio do Doutorado
IGC contínuo	Pearson Correlation	1	,942	,426	,527
	Sig. (2-tailed)		,000	,000	,000

Vejam que a correlação é mais forte em relação ao conceito de graduação (em amarelo). No entanto, com relação às notas de mestrado e doutorado não parece haver um padrão de correlação tão bem definido. Assim, enquanto que em 2009 o conceito de mestrado aparece mais forte, em 2010 o doutorado passa a ser mais significativo.

No entanto, a correlação não estabelece uma relação de causalidade, apenas permite afirmar que existe a relação. Ainda que saibamos qual a causalidade em função do IGC ser produto de uma equação, podemos verificar o quão forte é a causalidade por variável em cada ano a partir do coeficiente de determinação ( $r^2$ ), identificando o quanto uma variável (y) pode ser prevista em função de outra (x). No caso y corresponde ao IGC e x aos conceitos. Vejamos as análises

#### Análise de regressão – IGC 2009

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,966 <sup>a</sup>	,933	,932	16,500

a. Para a constante G - Conceito médio da Graduação

#### Análise de regressão – IGC 2009

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,595 <sup>a</sup>	,354	,350	49,094

a. Para a constante, M - Conceito médio do Mestrado

#### Análise de regressão – IGC 2009

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,389 <sup>a</sup>	,151	,143	55,583

a. Para a constante, D - Conceito médio do Doutorado

Aqui já podemos observar que a causalidade – definida estatisticamente pelo  $R^2$  - é significativamente mais forte para a constante G (0.932), lembrando que quanto mais próximo de 1, maior será a causalidade. Vejamos a seguir o comportamento no ano de 2010.

#### Análise de regressão – IGC 2010

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,967 <sup>a</sup>	,935	,934	,163477876787017

a. Para a constante: (Constant), G - Conceito médio da Graduação

#### Análise de regressão – IGC 2010

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,421 <sup>a</sup>	,177	,173	,579596454910042

a. Para a constante, M - Conceito médio do Mestrado

#### Análise de regressão – IGC 2010

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,561 <sup>a</sup>	,314	,311	,529116376993194

a. Para a constante, D - Conceito médio do Doutorado

Mais uma vez a correlação mais forte se encontra na constante G, no entanto, há uma mudança com relação à causalidade entre as constantes M e D. Enquanto em 2009 a nota de mestrado possui uma causalidade mais forte (0,350) do que o doutorado

(0,143), em 2010 é o doutorado que se torna mais forte (0,311), contra 0,173 de mestrado.

**Análise de regressão – IGC 2011**

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,942 <sup>a</sup>	,887	<b>,886</b>	,2016401

a. Para a constante, G - Conceito médio da Graduação

**Análise de regressão – IGC 2011**

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,426 <sup>a</sup>	,182	<b>,178</b>	,5415210

a. Para a constante, M - Conceito médio do Mestrado

**Análise de regressão – IGC 2011**

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,527 <sup>a</sup>	,278	<b>,275</b>	,5087158

a. Para a constante, D - Conceito médio do Doutorado

Como já apontado na correlação o conceito de graduação tem sido mais relevante, em média, (destacada em azul) do que os outros, no entanto, em 2011 a causalidade foi relativamente mais fraca que nos outros anos o que poderia conduzir à pensar que o conceito de graduação tem adquirido menor importância.. No entanto, a queda não é significativa o suficiente para tal afirmação já que o 0,886 ainda é próximo à causalidade dos anos anteriores. Mas é um indício que vai de encontro as afirmativas de as mudanças na forma de cálculo favorecem a graduação.

De toda forma, podemos verificar que embora o cálculo busque meios de valorizar as pós-graduações com nota acima de 4, a partir da equivalência de alunos, na média a graduação tem se sobressaído. Isso não quer dizer que não possível uma universidade com muitas, e bem avaliadas pós-graduações, não possam alcançar notas elevados, mas para o universo de universidades avaliadas observa-se que isto não é o padrão. A explicação para esse fenômeno está no alto percentual de graduando da maioria das universidades. Existe, portanto, uma ponderação segundo o perfil das

instituições, isto é, para aquelas que detêm maior parte dos alunos em curso de graduação é o conceito de graduação o mais significativo. Como é possível observar nas médias abaixo:

Porcentagem de graduandos no total da IES (em termos de graduando equivalente) - ?

N	Valid	179
	Missing	6
Mean		.909365

Porcentagem de graduandos no total da IES (em termos de graduando equivalente) - ?

N	Valid	213
	Missing	10
Mean		.899582

Porcentagem de graduandos no total da IES (em termos de graduando equivalente) - ?

N	Valid	221
	Missing	1915
Mean		.8986945395

Assim, podemos observar que a maior parte dos alunos, considerando as equivalências, está na graduação. Por outro lado, uma universidade com maior equilíbrio na distribuição dos alunos, isto é, com menor percentual de graduandos podem atingir elevados índices mesmo não tendo alto desempenho na graduação, como é o caso da UNIFESP que em 2011 teve apenas aproximadamente 32% dos seus alunos na graduação e um conceito de graduação mediano, igual a 2,63, mas ainda sim atingiu a faixa de 5 com um IGC contínuo de 3,94. Mas esse não é o perfil da maior parte das instituições de ensino superior do Brasil. Disso, poderíamos nos perguntar qual a intenção do índice: universidades com foco na pós-graduação? A nosso ver ainda não há infraestrutura suficiente para isso, nem mesmo tantas pessoas interessadas na pós-graduação, isso acaba favorecendo universidades públicas com grande infraestrutura de

pós-graduação. Ou mesmo a fragmentação por Escolas como faz a FGV que para cada turma de graduação abre 1 mestrado e 1 doutorado, mantendo o equilíbrio.

## O caso da Universidade Candido Mendes

### As médias e a UCAM

Seguindo este raciocínio para compararmos a Universidade Cândido Mendes - tradicional universidade do Rio de Janeiro com 110 anos de atuação, sendo, há 40 anos, referência em pesquisa na área das Ciências Sociais - devemos primeiro identificar o perfil da instituição, nos termos do IGC isso pode ser traduzido por: onde está a maior parte dos alunos? Vejamos:

Ano	Percentual de graduandos UCAM	Percentual de graduandos total
2009	0,9249	,909365
2010	0,9663	,899582
2011	0,9508	,8986945395

Vemos que comparativamente a UCAM possui um percentual elevado de alunos na graduação o que dá enorme importância para esse seguimento. Se analisarmos separadamente os conceitos temos:

#### Análise de regressão – IGC 2009

	G - Conceito médio da Graduação	M - Conceito médio do Mestrado	D - Conceito médio do Doutorado	IGC - Contínuo
N Valid	179	160	107	180
Missing	6	25	78	5
Mean - total	2,584475	3,639006	2,525586	270,66
UCAM	2,25	3,44	5	244

#### Análise de regressão – IGC 2010

	G - Conceito médio da Graduação	M - Conceito médio do Mestrado	D - Conceito médio do Doutorado	IGC - Contínuo
N Valid	213	218	218	214
Missing	10	5	5	9
Mean – total	2,6544	2,82	1,30	2,78132758553
UCAM	2,25	3,29	0	2,32

#### Análise de regressão – IGC 2011

	G - Conceito médio da Graduação	M - Conceito médio do Mestrado	D - Conceito médio do Doutorado	IGC contínuo
N Valid	226	226	226	222
Missing	1910	1910	1910	1914
Mean - total	2,619438	2,853677	1,322467	2,809583
UCAM	2,16	3,35	5	2,27

Como podemos ver nos dados a UCAM tem uma pós-graduação acima da média o que a princípio poderia garantir uma boa nota, principalmente se considerarmos a nota máxima no doutorado (Conceito 7), no entanto, a pós-graduação acaba tendo um peso menor pois é considerado para o cálculo total do IGC a percentagem de graduandos. Na prática o efeito tem sido a redução da nota global, pois diferente da pós-graduação, as notas de graduação tem ficado abaixo da média nacional.

Nesse sentido, pouco pode variar no IGC o aumento da nota de mestrado - essa já relativamente alta - e o doutorado já tem nota máxima (7). Se o índice da UCAM está em declínio nos últimos três anos isto ocorre em função do conceito de graduação baixo, combinado ao alto número de graduandos. Tendo em vista a sequência histórica, a UCAM teve uma leve queda, mas dependerá do comportamento da sua graduação se ela vai se afastar ou se aproximar da faixa de corte que conduz à nota “2” no IGC. Para melhorar o índice seria necessário melhorar a nota de graduação. Sobre esse conceito (G) o ano de 2011 já incorpora as mudanças no CPC que reduzem o peso da nota ENADE e da quantidade de docentes-doutores da Universidade, por outro lado, aumentou o peso do número de professores em tempo integral e de infraestrutura. Outra alternativa seria aumentar o número de PG, buscando reduzir o percentual de

graduandos, aumentando a importância da pós-graduação que tem apresentado notas boas.